



José Cardoso Pires

Noiva a despir-se (poesia e desconsideração)

EM CHAMA viva e quase litúrgico como se fosse, digamos, uma ilustração às “Tauromaquias” que pintou, Pomar escreveu um poema que começa assim:

*“Noiva a despir-se
o matador quadra-se
para a sorte
final: o embainhar
da morte”*

e eu, quando às vezes vejo passar no Chiado o Cavaleiro Lince, lembro-me logo destes versos cá por coisas.

Gastão Lince, que só é cavaleiro por apelido, há anos que faz trote na rua Garrett à meia tarde e abanca na sua roda de amigos da Bénard onde está sempre a dar à cauda e a beijar a mão às damas. As damas são de pé-de-cabra e ele é valete de baralho limpo, porque pratica a honra e o orgulho da sua pessoa por dá cá aquela palha. Além disso casou rico, parece. Rico mas com uma virgem coitadinha, alguém de família e de princípios que, com o andar dos anos, foi murchando em mofo brando até lhe bater à porta o Cavaleiro Gastão todo embrulhado em perfumes. Gastão Cavaleiro Lince aparelhou e foi-se à donzela tardia sem mais aquelas. Passado tempo, dava entrada no Chiado.

Antes do 25 de Abril a Pastelaria Bénard, em dourados e brasões, era um salão de faz-favor muito mal frequentado pela Presidenta Gertrudes Thomaz. Mais acima, na Brasileira, o ensaísta dr. Leão e o catedrático Tomás Kim sentavam-se à mesa do célebre torcionário Seixas da PIDE em mundanas considerações poéticas. E assim, Polícia e Presidenta, cada qual com a sua autoridade, impunham a moral e o respeitinho a todo o Chiado elegante. O Seixas, entre outras rimas, por causa do seu passado de carrasco no campo de concentração

Enquanto houve moral neste país, a Madame não tirou as patas, é o tiras. Fez foi a vida negra à gerência com excomunhões aos dizeres e aos decotes das meninas modernaças, porque naquele tempo, meus Deus, uma Senhora de educação nunca sabia onde começava o comunismo. Claro, anos depois veio a Liberdade, veio o Abecasis para rebater, e, em cima dessa desgraça provinciana, o pavoroso incêndio que abalou a cidade.

do Tarrafal, a Presidenta por ser tão feia, tão feia, que valia como um breve contra a luxúria.

*“Por favor, Madame, tire as patas,
Por favor, as patas do seu cão
De cima da mesa, que a gerência
Agradece”,*

escreveu Alexandre O’Neill na sua dele “Meditação na Pastelaria”.

Mas qual quê, enquanto houve moral neste país, a Madame não tirou as patas, é o tiras. Fez foi a vida negra à gerência com excomunhões aos dizeres e aos decotes das meninas modernaças, porque naquele tempo, meus Deus, uma Senhora de educação nunca sabia onde começava o comunismo.

Claro, anos depois veio a Liberdade, veio o Abecasis para rebater, e, em cima dessa desgraça provinciana, o pavoroso incêndio que abalou a cidade. Foi então que das cinzas fumegantes surgiu Cavaleiro Lince, sentado à mesma mesa da Bénard donde outrora comandava o Chiado a temível Presidenta. Era cavaleiro a pé porque só aceitaria montar um cavalo de asas divinas e tinha tanto orgulho da sua pessoa que via todo o

resto da humanidade pelas pestanas do olho do cu, Deus lhe perdoe a expressão.

Da Senhora Cavaleiro Lince pouco se sabe, a não ser que, por milagres do Mafarrico, a coitadinha, mosca triste, caiu um dia nas teias do pecado com um desconhecido misterioso. Mistério ainda maior: Gastão, marido convicto, foi informado em pré-aviso da desonra que lhe estava preparada. Exacto. Uma voz de veneno alegre cantou-lhe ao telefone a balada da infiel com todos os matadores, sem esquecer o local do crime que era, ó pouca-vergonha, a sua casa de verão, algures, em tarde de Inverno.

Como nas fábulas de alcova, o Cavaleiro Lince escondeu-se no guarda-fato à vista do tálamo sagrado. E testemunhou, pois então. E viu com os próprios olhos o touro errante que, para sua espantação, tinha cá uma figura de primeiríssima. Sabia vestir, o bom sacana: para começar fato de fina alpaca, sapatos Bally em cabedais suíços e o mais que adiante constaria.

Adiante era uma gravata Gucci, italianíssima — e esta? Depois uma camisa Ralph Lauren das mais legítimas; depois meias de fio de escócia, aquilo, sim, é que era asseio; depois cuecas com monograma, assinaturas daquelas não se viam todos os dias, e quando o “strip-tease” ia no melhor entrou em cena a mulher adúltera. Vinha em roupão de banho, escanzelada e sempre coitadinha. A zumbir de tonta, deitou as mãos ao “soutien” mas antes que ela o tirasse, o marido escondido fechou os olhos, de pavor:

Que vergonha, Jesus! Que vergonha, murmurou.

A partir daí fechou a Senhora em casa a chocar mais ovos de ouro e veio para a Bénard prégar elegâncias e outros gostos do mundo. ●